NOTICIÁRIO

O Prof. Athos da Silveira Ramos foi investido como titular da cadeira nº 17 da Academia Brasileira de Educação, em solenidade realizada no dia 18 de novembro de 1986, no auditório da Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro.

Saudou-o o Prof. Raymundo Augusto de Castro Moniz de Aragão, com as seguintes palavras:

"Sr. Acadêmico Athos da Silveira Ramos.

Referindo-se ao episódio de minha passagem da diretoria do ensino superior para a pasta da educação, disse Luiz Viana Filho, na biografia que traçou do grande brasileiro Humberto de Alencar Castelo Branco, ter a mesma o significado de uma promoção por merecimento. Nesta oportunidade, em que faço prevalecer a indicação do nosso inesquecível Presidente Benjamin Albagli, pela qual me cabe a honra de saudá-lo em nome desta ilustre Casa, quando efetiva a ocupação da cadeira para a qual o elegeu o consenso dos seus membros, digo, por minha vez, que este privilégio me foi assegurado pelo princípio da antigüidade. De fato, nenhum dos meus ilustres pares — que certamente com mais saber e brilho se desincumbiria desta grata missão — o conhece de mais longe no tempo, e de mais perto, no espaço, do que eu.

Por oportuno, reproduzo algo do que disse, quando tive assegurado, pelo Reitor Helio Fraga, o direito de por primeiro dirigir-me a V. Sª, ao ensejo da homenagem que lhe foi prestada por afastar-se do decanato do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, em que de imediato o antecedera:

'Sr. Professor, numa visada retrospectiva, o milagre da memória suprime o tempo e nos encontramos no preciso momento em que nos conhecemos. Terminava eu, cansado e exultante, as provas do concurso de docência-livre com que me habilitava ao magistério na Escola Nacional de Química. V. Sª de mim se aproximou e felicitou-me. Perguntei a Anibal Bittencourt de quem se tratava. Desde então data o nosso conhecimento: precisamente de 32 anos, 3 meses e 18 dias (tempo que, reajustado ao momento em que ora vos falo, ascenderia a mais de quatro décadas, caminhando para meio século)'.

Prossigo: 'A partir desse momento, o sentimento evolui, as suas raízes aprofundam-se, refinam-se na seleção do que recolhem, captam, no mais íntimo de nós mesmos, a seiva que sobe e floresce na amizade. Entretanto, pouco mudou externamente a sua forma. No contato de duas naturezas, de certa maneira afins, gerou-se não a intimidade que se podia esperar e que por vezes descamba na vulgaridade, mas ao contrário, o apreço que se compraz no respeito mútuo. Até hoje V. Sª e eu tratamo-nos por *professsor*. Na verdade, numa longa caminhada, par a par, construímos uma

sólida, e eu diria singular amizade. Uma amizade que não registra o mais mínimo desencontro ou divergência; a que não sombreia sequer a nuvem esgarçada de uma dúvida. De todos os sentimentos humanos, o mais exaltado, o que está em todas as bocas, embora não esteja necessariamente em todos os corações, é o amor. Porém, para mim, o que mais alto se coloca na escala de valores é a amizade. O amor, por maior que seja, por mais puro e candente, traz a marca indelével do egoísmo. De fato, sabia o poeta: o amante ama o amor que inspira. A amizade não. É só altruísmo; compraz-se em dar de si; cresce na proporção em que se doa. Os amantes olham um para o outro; os amigos olham na mesma direção, colimando os mesmos objetivos, acordes nos mesmos propósitos, superiormente discordes de qualquer subalternidade. Temos, Sr. Professor, percorrido lado a lado um caminho que se estende já por várias décadas. Qual o objetivo comum? A educação. E os propósitos partilhados? Contribuir, quanto possível, para o desenvolvimento e o progresso da pátria; a repulsa à subalternidade e ao jogo mesquinho das camarilhas.'

Desculpe-me, Sr. Acadêmico. Desperto do devaneio; faço-me objetivo. Lançando um olhar sobre o passado, encarando o presente e conjecturando quanto ao futuro, digo que estivemos percorrendo caminhos paralelos na universidade; que lutamos agora, ombro a ombro, no Instituto de Estudos Avançados em Educação — o IESAE da Fundação Getulio Vargas; que, a partir deste momento, estaremos compartilhando da vida, das lutas e vitórias desta academia, até ao termo do existir.

Na universidade, de posição paralela à de V. Sª, acompanhei a sua atuação no magistério do 3º e 4º graus. Vi-o como professor em três escolas superiores: a minha, a nossa, a velha e querida Escola Nacional de Química; a gloriosa e desaparecida — na bruma de um passado honroso — Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil; a Escola de Politécnica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde criou a cátedra de química. Em todas revelou-se capaz — pelo saber, pela dedicação, pela sensibilidade e senso de justiça, de conquistar, gradativamente, a admiração, o respeito e a amizade de seus alunos, criando uma *escola*, onde avultam hoje nomes prestigiosos da química brasileira, teórica e aplicada. Acompanhei a sua escalada de postos universitários, não tangido pela ambição ou inflado pelo favor, mas como conseqüência da convocação aos cargos, onde o faziam requerido a sua capacidade e a sua aplicação. Vi-o como chefe de Departamento da Faculdade Nacional de Filosofia, da Escola Nacional de Química e do Instituto de Química; vice-diretor e diretor das mesmas unidades; como presidente, sim, como presidente da primeira instituição de ensino pós-grad ado na nossa universidade, o primeiro e transitório Instituto de Química, criado para ministrar ensino de pós-graduação e logo extinto, quando a reforma universitária iniciada em 1965 estabeleceu que os *institutos* fariam o ensino básico e a pesquisa desinteressada, enquanto o ensino profissional e a pesquisa aplicada processar-se-iam em *escolas* e *faculdades*. Ou, como disse certa vez, motejando — forma discreta de dar expansão ao desagrado — que os professores do ensino básico ficariam com a 'pesquisa pura' e nós outros — os tecnólogos com a 'pesquisa impura'.

De mais longe, porém com não menor interesse, acompanhei meritórias atividades exercidas pelo ilustre companheiro extramuros da universidade. Em 1950, como representante da Escola Nacional de Química no Conselho Universitário, fui presente aos entendimentos processados entre a universidade e a Petrobrás, com o suporte do Conselho Nacional de Petróleo, em função dos quais teve V. Sª a incumbência de coordenador dos Cursos de Preparação de Técnicos Especializados em Petróleo, e a seguir de supervisor do Curso de Refinação de Petróleo, este ao nível pós-graduado.

Entre 1958 e 1964 acompanhei a sua ascensão no Conselho Nacional de Pesquisas, onde foi iterativamente membro e presidente do Conselho Deliberativo, vice-presidente e presidente do órgão, não podendo deixar de referir a sua lúcida atuação como presidente da Comissão de Assuntos Espaciais.

Neste último ano, de 1964, emocionei-me com a elevação do pensamento e a sabedoria dos conceitos que iluminam e estruturam o magnífico discurso que proferiu, na condição de presidente da Primeira Reunião Interamericana sobre Ciência e Tecnologia, realizada em Washington, sob os auspícios da Organização dos Estados Americanos. Basta que recorde que atribuiu a *grande homenagem* do encontro à personalidade imortal do Presidente John Kennedy, que na mesma cidade, ao transcurso da celebração do 1º Centenário da *National Academy of Sciences,* dirigira aos cientistas de todo o mundo 'a mais substancial e objetiva manifestação de crédito à ciência pura e aplicada, jamais pronunciada por qualquer chefe de Estado'.

É justo, por igual, reproduzir nesta oportunidade a enumeração das proposições que fixou como as linhas básicas do seu pensamento:

'1. A ciência e tecnologia desempenham o mais importante papel no desenvolvimento, na segurança e no bem-estar social de qualquer país;'

2. O programa científico e tecnológico não é reversível e jamais será contido;

3. As investigações científicas e tecnológicas não são conseqüências do progresso industrial, mas atividades que o precedem e acompanham;

4. O poder das nações está estreitamente vinculado ao potencial criador, qualitativo e quantitativo, dos seus cientistas.'

Sente-se que perpassa estes conceitos um sopro de paixão. Mas temos que convir ser uma paixão grandiosa, que empolga e eleva.

Na mesma linha de sentir e agir, coordena no Departamento de Estudo da Adesg, em 1967, trabalho sobre A evolução técnico-científica e a segurança nacional.

Com tais créditos, não é de admirar que o seu concurso tenha sido requerido pelo

Ministério das Relações Exteriores para inicialmente exercer a função de adido científico da Embaixada do Brasil em Washington, acumulando a seguir a mesma função na embaixada brasileira em Otawa, e a de assessor científico da missão brasileira junto à Organização dos Estados Americanos. Destas relevantes funções ocupou-se aos anos de 1968 a 1971.

Retornando ao Brasil, voltou transitoriamente à direção do Instituto de Química, sendo logo convocado para decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, ao que já me referi. Sabe-me justo — mesmo correndo o risco de falar de mim — retornar à análise que fiz da saudação a V. Sª dirigida, quando se afastou desse cargo, por força da aposentadoria compulsória. É que dessa fala constam uma profecia e um julgamento, a primeira confirmada com o correr do tempo, o segundo ratificado por um ex-aluno que, entretanto, não conhecia o que eu dissera. É fácil e oportuno comprovar. Reportando-me aos serviços prestados nas funções em que o investira o Ministério das Relações Exteriores, afirmei: nelas 'ampliou-se a sua visão já tão arguta, e por certo confirmaram-se as suas convicções quanto à importância da ciência e da tecnologia no processo de desenvolvimento em que o Brasil se empenhava, no sentido de quebrar definitivamente os grilhões que o prendiam e projetar-se, como de direito, na linha do seu destino, como nação de vanguarda. Passou a ser um evangelizador dessa idéia, um conferencista freqüentador das tribunas, para pregar, para tratar desse tema — tema oportuno, apaixonante, patriótico; faz-se então um batalhador em prol da criação de um Ministério da Ciência e da Tecnologia. Não viu frutificar a sua sementeira. Paciente Sr. Professor, recomendei, há coisas que o tempo apenas pode retardar, mas afinal chegam, como tem que chegar a este país o ministério que reclama'. Digo hoje: o ministro aí está, Sr. Acadêmico, em plena e fecunda atividade. A profecia cumpriu-se.

E quanto ao conceito? Expressei-o nos seguintes termos:

'Mas a vida tem curiosos caprichos. Assim, um homem, como o Prof. Athos, vindo da área tecnológica, completa o seu tempo de servir como decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Como decano, apenas, não; como um grande decano, cheio de serviços e iniciativas criadoras. Mas isso só foi possível porque o Prof. Athos é, antes de tudo, um homem culto (na acepção de Newman), capaz de compreender e dominar os problemas da filosofia e das ciências humanas; um administrador experiente, amadurecido no trato dos problemas da educação. Um homem de autoridade suave, não o mão de ferro calçada de luvas de veludo, mas da autoridade que não se irrita porque sabe que vai ser obedecida, já que as suas ordens são legais, racionais e justas; uma autoridade em quem a compreensão das fraquezas humanas sazonou na tolerância que corrige, mas não humilha. E porque tem um poder todo pessoal de congregar, de aliciar vontades, por tratar-se de um caráter reto, de uma natureza generosa e de desprendimento reconhecido. Enfim, porque é um Homem.'

E que disse o ex-aluno, 7 anos depois, quando nenhum eco restava da minha fala? O seguinte: "(. . .) morava eu em Porto Alegre, e lá, em um jornal diário, li, certa ocasião, umas palavras sobre o que seria o *grande homem*; recortei e guardei aquelas palavras. Guardei-as simplesmente por achá-las bonitas e poéticas, pois pensava que uma pessoa com todos aqueles predicados era uma verdadeira utopia. Neste momento peço licença para ler as palavras que tanto me impressionaram: 'O *grande homem* mantém seu modo de pensar independente da opinião pública; (. . .). É tranqüilo, paciente, calmo, não grita nem se desespera; (. . .). Pensa com clareza, fala com inteligência, vive com simplicidade; (. . .). É do futuro, não do passado; (. . .). Sempre tem tempo; (. . .). Não despreza nenhum ser humano; (. . .). Não é vaidoso, como não anda à cata de aplausos; jamais se ofende ; (. . .). Possui sempre mais de que julga merecer; (. . .). Está sempre disposto a aprender, mesmo das crianças; (. . .). Trabalha pelo prazer do trabalho em si, não pela recompensa material; (. . .). Vive dentro do seu próprio isolamento espiritual onde não chegam nem o louvor, nem a censura; (. . .). Não obstante seu isolamento, não é frio; (. . .) ama, sofre, pensa, compreende; (. . .). O que você possui, dinheiro ou posição social, nada significa para ele; (. . .). Só lhe importa o que você é; (. . .). Despreza a opinião própria tão depressa verifica o seu erro; (. . .). Não respeita hábitos estabelecidos e venerados por espíritos acanhados; (. . .). Respeita somente a Verdade; (. . .). Tem mente de homem e coração de menino; (. . .). Conhece a si mesmo tal qual é, e conhece a Deus. Estas palavras sábias, belas, e mesmo poéticas, podem ser usadas também de referência ao *grande cientista*, ou *grande mestre*, ou ainda ao *grande professor*, e é aqui que eu volto a lhes falar da minha descoberta: o *grande homem* que eu julgava apenas existir na imaginação do poeta, o *grande homem utópico* existe, ele se chama *Athos da Silviera Ramos.* Obrigado.'

Quem falou assim? Ataíde Bech, escolhido pelos colegas integrantes do 12º Curso de Estudos de Problemas Brasileiros, para saudar o seu admirável coordenador, na oportunidade da sua sessão de encerramento.

Volto, ainda uma vez, a recordar passagem da saudação que a V. Sª fiz em 1976. Perdoe-me V. Sª; perdoem-me quantos me ouvem. Mas, que fazer, se o homem é o mesmo e o conceito que me inspira não variou?

Para alívio de todos, antecipo — a referência será ao trecho final. Reproduzo-o: 'Bem, eu disse muitas coisas e não disse tudo. Era impossível. Disse o que pensei ser mais importante para um bosquejo da sua personalidade. Para lembrar a mim mesmo o que foi, o que é este amigo que há tanto tempo acompanho. Esta seria uma festa de despedida, mas não necessariamente triste. Há festas de despedida que podem ser até muito alegres, como é o caso desta, quando o dever foi cumprido com abundância de coração e de sucesso. Mas na verdade, não estou dizendo adeus ao mestre eminente, ao professor, diretor, decano, sub-reitor ainda no esplendor de sua maturidade vigorosa e clarividente. Não estou a despedir-me do colega de cuja convivência tanto me beneficiei e de cuja cooperação, em algumas oportunidades,

vali-me com proveito. Não o vejo saindo, deixando a Casa, afastando-se do colega que o tempo e o apreço tornaram amigo caro. Continuo a vê-lo nesta sala ou nestas salas, e apenas lhe digo um até breve, porque é isto o que o coração deseja e a razão prevê.'

E previu certo. Porque V. Sª é um homem que não teme ser patriotra; encetou, ou antes ampliou a ação que exercia no campo da educação moral e cívica. Desde 1972 era V. Sª o coordenador do Curso de Estudos de Problemas Brasileiros do Forum de Ciência e Cultura da UFRJ, que eu tive a satisfação de criar e a não menor de, um ano após, transferir à sua capacidade diligente. Deste ponto de partida, a sua ação — como sempre empreendedora e vigorosa — o fez, poucos anos decorridos, coordenador de cursos semelhantes no IESAE, da Fundação Getulio Vargas, e da Faculdade de Educação da UFRJ, nesta instituição ao nível pós-graduado. E não se limitava a coordenar; em geral era, também, conferencista dos mais abalizados, dos cursos cometidos à sua orientação. E não se deteve aí; a sua experiência foi requerida pelo Ministério da Educação e Cultura, onde passou a integrar a Comissão Nacional de Moral e Civismo.

É hora de dar um passo atrás, para penetrarmos adequadamente no *hoje*. Em 1972, recebi de Luiz Simões Lopes, presidente da FGV a incumbência de dirigir o Instituto de Estudos Avançados em Educação, que Anísio Teixeira idealizara e Alves de Mattos, em conseqüência da morte trágica do grande educador, projetara e instalara. Sentindo crescer o peso do encargo à proporção que o IESAE se fazia realidade e expandia, reclamei o concurso de V. Sª, desde 1973 a meu lado como vice-diretor. Em verdade, a divisão de tarefas entre nós faz-se, apenas, no plano da execução, porque a orientação e programas constituem atividade comum. Cumpre assinalar, por dever de justiça, ter V. Sª exercido ou estar exercendo, cumulativamente, outras funções. Por mais importantes, refiro o exercício temporário da Coordenação Geral de Ensino e o encargo permanente de editor da revista *Forum Educacional*.

Neste momento, quando V. Sª se incorpora a esta Academia, como seu membro efetivo, começa o *amanhã*."

O Prof. Athos da Silveira Ramos proferiu o seguinte discurso de agradecimento pela investidura:

"Com extrema emoção e profundo agradecimento ouvi as palavras estimulantes, generosas e indulgentes de meu amigo dileto, conselheiro de todas as horas, o eminente Acadêmico Raymundo Augusto de Castro Moniz de Aragão. Guardarei suas palavras como jóias de valor inestimável, no compartimento mais nobre e recôndito do

meu coração. Um coração já envelhecido cronologicamente, mas que, surpreendentemente, comporta-se como o de um adolescente, batendo com mais força no meu peito, em agradecimento, sem dúvida, às palavras eloqüentes e preciosas de Moniz de Aragão, ao oferecer aos caros amigos – que me honram com suas presenças – uma imagem de minha despretensiosa personalidade, adornada com os valores, as galas e os esmaltes, originados na bondade e na amizade fraterna do amigo leal, que se tornou por sua própria e comovente iniciativa um autêntico irmão por afinidade.

Peço-lhes permissão para confidenciar um episódio que dará a medida do calor humano que enriquece, sobremodo, a personalidade deste grande professor, cientista, médico, sanitarista, educador, reitor e ministro.

No momento mais grave e difícil de minha vida, quando a fatalidade arrebatou, após 39 anos de convivência, a vida de minha esposa, Profª Heloisa Silveira Ramos, que havia sido, até aquela data, a inspiradora e colaboradora permanente de todas as minhas ações, Raymundo Moniz de Aragão, já amigo de mais de 30 anos, sabendo minha condição de filho único, ofereceu-me o seu ombro de irmão para atenuar o rude golpe sofrido.

Passaram-se os tempos. Casei-me novamente e Moniz de Aragão foi meu padrinho de casamento com minha querida esposa Lucia Canabarro da Silveira Ramos, aqui presente, que com sua inteligência e encantadora vitalidade não mede sacrifícios para criar, em torno de minha pessoa, condições e estímulos que me permitam alcançar, ainda – como hoje está acontecendo –, mais algumas conquistas neste fascinante e ilimitado campo da educação, a paixão dominante entre todas as minhas atividades profissionais.

Este é o grande Raymundo Moniz de Aragão, a quem mais uma vez, comovido, agradeço.

Devo acrescentar, ainda, que todas as oportunidades surgidas durante minha longa carreira de professor universitário estão vinculadas principalmente à confiança que me dispensaram os Reitores Pedro Calmon, Deolindo Couto, Raymundo Moniz de Aragão, Clementino Fraga e Hélio Fraga, todos já imortalizados por suas obras e realizações universitárias. Na área da pesquisa científica e tecnológica tive a oportunidade de conviver com a profunda cultura do Almirante Alvaro Alberto, de José Carneiro Felippe e de João Christóvão Cardoso. Este último, como Alvaro Alberto, um grande presidente do CNPq; amigo fraterno durante 40 anos, sem desentendimentos, visando sempre os mais elevados valores científicos e tecnológicos para as universidades e institutos de pesquisa do país. Vale dizer que, despido da confiança de tão significativos expoentes da universidade e da ciência, dificilmente estaria hoje transpondo os umbrais da Academia Brasileira de Educação para ocupar a cadeira nº 17, cujo patrono é o Prof. Emílio Meyer, e nela substituir o saudoso e eminente professor, médico, político, tribuno e grande educador Raul Jobim Bittencourt.

Minhas senhoras e meus senhores, o destino tem seus caprichos. Nunca me seria dado imaginar a possibilidade de ingressar nesta colenda ABE, vinculado a duas grandes personalidades que mereceram, ao longo de minha vida, respeito, admiração e amizade.

Emílio Meyer, descendente de família alemã, nasceu em São Leopoldo, RS, em 2 de fevereiro de 1865. Exerceu o magistério durante 57 anos e faleceu em 20 de julho de 1939.

Com Emílio Meyer tive a feliz oportunidade de conviver, no período de minha adolescência, em Porto Alegre, quando me preparava para prestar os exames preparatórios que, de acordo com a legislação da época, eram realizados perante bancas examinadoras nos estabelecimentos oficias de ensino. Os preparatórios, como se chamavam aqueles exames, eram em número de 12.

Solteiro, Emílio Meyer dedicava-se integralmente aos seus estudos e aos seus discípulos. Na Escola Normal de Porto Alegre, foi professor por concurso e exerceu sua direção repetidas vezes. Porém, sua atividade, que marcou uma época no ensino pré-universitário, foi desenvolvida por longos anos no seu curso particular destinado a preparar candidatos ao ensino superior.

Detentor de grande saber e cultura e de uma didática severa e eficiente, Emílio Meyer ministrava 14 disciplinas: português, francês, inglês, alemão, italiano, latim, grego, aritmética, álgebra, geometria, história do Brasil, história universal, geografia e corografia do Brasil. Dava aos alunos a impressão de ser um verdadeiro sábio.

Sua obra pedagógica está bem definida na forte influência que exerceu sobre diversas gerações no Rio Grande do Sul e no seu austero modelo de vida. Seu saber e sua personalidade permanecem e permanecerão indeléveis na memória e na ação de todos os seus discípulos, entre os quais tenho a honra de me incluir, mas onde também se incluem grandes e ilustres personalidades como Carlos Maximiliano Pereira dos Santos, ministro do Governo Venceslau Brás e autor da reforma universitária que ainda hoje tem seu nome; Athos Damasceno Ferreira, poeta de renome nacional, e Raul Bittencourt, o grande educador.

Em Porto Alegre há uma escola pública estadual com o seu nome, como no Rio de Janeiro ostenta também o seu nome a sala de reuniões do Departamento de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da UFRJ.

Ao Prof. Emílio Meyer rendo, neste momento, o meu profundo agradecimento pelo que me pôde ensinar e pela forte amizade com que bondosamente sempre me distinguiu.

Quis, ainda, o capricho do destino, que o Prof. Raul Jobim Bittencourt fosse o meu

professor de filosofia por um pequeno lapso de tempo. Isto ocorreu em Porto Alegre, no tempo dos famosos exames preparatórios, quando nós, os estudantes da época, fomos surpreendidos com a inclusão da disciplina de filosofia, aumentando para 13 o número daqueles exames.

Havia em Porto Alegre um jovem professor da Faculdade de Medicina, conhecedor de problemas sociais e de filosofia geral, e já um político militante, que não vacilou em aceitar o convite para ministrar a nova disciplina a um pequeno número de alunos, no qual eu estava incluído. Assim conheci Raul Jobim Bittencourt, e desde o primeiro encontro, fortemente impressionado com sua cultura profunda e diversificada, e com suas qualidades humanas de conselheiro experiente, tornei-me seu admirador.

Mesmo de longe, sempre acompanhei sua brilhante trajetória de professor e político. Em diversas ocasiões deixei-me empolgar por seus discursos, sempre vibrantes e calorosos, orientados para os mais elevados valores da filosofia, da psicologia, da política e da moral. Sempre elegante no trajar e com a cabeleira à moda de Castro Alves, impressionava por sua própria estatura e postura de homem superior.

Novamente o destino nos aproximou, embora nossas atividades profissionais não tivessem afinidades muito explícitas.

Raul Bittencourt, em sua brilhante e vertiginosa carreira de professor, médico, educador e político, desempenhou grande número de atividade altamente relevantes para o país: professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro; diretor da Faculdade de Educação da mesma universidade; diretor da antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; diretor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do antigo Estado da Guanabara; diretor da Escola Brasileira de Administração Pública da FGV; reitor *pró-tempore* da Universidade Federal Fluminense; decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ; fundador e diretor do Educandário Rui Barbosa, no Rio de Janeiro; deputado estadual do Rio Grande do Sul; deputado à Assembléia Nacional Constituinte, de 1933 a 1934; deputado federal, de 1934 a 1937. Representou o Brasil em muitos congressos no exterior; recebeu diversas e importantes condecorações e publicou mais de 30 dos seus conhecidos trabalhos; fundador da Academia Brasileira de Educação e titular da cadeira 17; três vezes exerceu a presidência da Associação Brasileira de Educação, sendo membro vitalício de seu conselho diretor.

O novo reencontro formal se deu em 1946, quando tive a oportunidade e a honra de ingressar na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, na qualidade de professor catedrático de química orgânica e química biológica. Lá estava Raul Bittencourt como um dos baluartes culturais daquela gloriosa instituição de ensino e pesquisa, ao lado de Anísio Teixeira, Carneiro Leão, José Faria Góes Sobrinho, Vitor Nunes Leal, Leopoldo Nachbim, Lourenço Filho, Delgado de Carva-

lho, Djalma Hasselmann, João Christóvão Cardoso e muitos outros expoentes da educação e da cultura brasileira.

Ali, naquela respeitável faculdade, Raul Bittencourt demonstrou suas grandes qualidades de educador, de chefe e de administrador. E, para dar maior realidade a essas palavras, recorro a uma passagem da magnífica oração proferida em sua homenagem em sessão especial, realizada pela Associação Brasileira de Educação, em 28 de outubro de 1985, por sua assistente e discípula dileta, Profª Nelly Aleotty Maia: 'Sua ação docente na universidade foi marcante. Foi um dos poucos professores catedráticos na UFRJ a se preocupar com a formação de seus continuadores. Se não o único, foi o último a manter, no Brasil, uma tradição análoga a do *Herr Professor* das universidades germânicas. Para tanto, cuidava que seus colaboradores assistissem a todas as aulas de seus assistentes. Finda a aula, fazia ele um comentário crítico rigoroso e construtivo. Falhas eram apontadas e correções sugeridas, pontos positivos enaltecidos, reações dos alunos observadas, e assim o professor iniciante aprendia e se aperfeiçoava. O que hoje faz a técnica do microensino, com videocassetes e gravadores, era feito desde a década de 50, pessoalmente, pelo Prof. Raul Bittencourt.'

Quanto a mim, que já o respeitava pelas suas eloqüentes e relevantes mensagens, tornei-me um dos seus mais calorosos admiradores, através de um longo convívio na Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia, como também em trabalhos de diversas comissões que trataram da reforma da Universidade do Brasil e depois da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 1961 a 1968. Foi meu diretor na Faculdade Nacional de Filosofia, e tive a honra de substituir ao Prof. Raymundo Moniz de Aragão, que o havia sucedido na decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ.

Devo relembrar, também, e o faço com muita segurança e agrado, que havia, ao longo de sua brilhante trajetória, uma inspiradora, uma grande musa, D. Maria Bittencourt, para quem dedicou sua sensibilidade de poeta, escrevendo-lhe um poema de suas vidas.

Raul Jobim Bittencourt foi realmente um personagem marcante em sua geração, como bem disse a Prof. Nelly Maia: 'Dizer-lhe do ano do nascimento não o situaria. Foi um homem atemporal. Debateria no Senado romano pré-cristão, como representaria a *persona culta* do Renascimento europeu, como um liberal da Revolução Francesa; como no século XXII, a bordo de uma nave espacial, dialogaria com seres extraterrenos.'

Senhores Acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores. Permitam-me finalizar este comovido agradecimento com algumas reflexões relacionadas aos aspectos que julgo de maior importância no sistema educacional brasileiro:

BIBLIOTECA MARIO HENRIQUE SIMONSEN
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

A educação tem o poder de ajustar a força do trabalho às novas dimensões qualitativas exigidas pela sociedade moderna, tornando-se assim uma variável de vital importância para o desenvolvimento, tanto no seu aspecto formal de ensino em todos os graus, como por meio de educação extracurricular, assumindo as responsabilidades de um treinamento profissional adequado às necessidades e aspirações emanadas da comunidade e do sistema de produção.

A demanda de mão-de-obra qualificada em todos os níveis cresce à medida que é ampliado o processo de modernização das instituições, o que gera certamente ganhos de salário real e, portanto, uma apreciável e salutar mobilidade social. O que quer dizer — a política educacional e sua estratégia de execução podem e devem tornar-se um poderoso instrumento de redistribuição de renda.

A desigualdade de distribuição de renda é uma característica dos países subdesenvolvidos e emergentes, onde coexistem sociedades com elevado padrão de renda em forte contraste com as de baixo ou de extremamente baixo padrão. A capacidade de convivência com estas desigualdades sociais é particularmente difícil.

Nesses países, o crescimento da economia a uma certa aceleração é indispensável para que o produto interno cresça, único meio de poder dar mais a alguns, sem necessariamente reduzir a parcela dos outros. A complexidade do processo de desenvolvimento está em obter sucesso com o rompimento da estagnação da economia ou com o aumento da aceleração de seu crescimento.

Em tais momentos, os desequilíbrios são inevitáveis e geram anseios de ascensão social que devem ser devidamente considerados e, se possível, satisfeitos, para que a própria estabilidade institucional seja preservada. Este é o momento que vivemos.

O desenvolvimento progressivo e harmônico exige certamente a existência de amplos canais de mobilidade social, e não há dúvida em que a educação bem planejada e vista em seu mais amplo aspecto — que inclui o treinamento e qualificação em todos os níveis — constitui-se direta ou indiretamente na maior responsável pela aceleração do ritmo do desenvolvimento, por ser o mais eclético canal de mobilidade social.

As raízes do desenvolvimento social, político, científico e tecnológico, fatores balizadores do crescimento econômico, e conseqüentemente geradores de empregos e de bem-estar social, são substancialmente alimentadas pelo sistema educacional.

O estímulo à mudança positiva de *status* dos grupos sociais, pela transferência de técnicas e de conhecimentos de toda a ordem, não é dever apenas do Estado, mas também de todos os que acreditam que os ganhos obtidos na produtividade funcional de cada um significam uma alta e incalculável contribuição para o desenvolvimento do país.

É evidente que as reflexões apresentadas privilegiam o sistema capitalista. A atividade educacional apresentada como importante possibilidade de promoção do homem, de sua ascensão individual, de mobilidade social e de melhor distribuição de riquezas poderá, também, produzir um efeito contrário aos seus próprios objetivos, provocando a concentração dessas riquezas, a hierarquização do trabalho e a redução das possibilidades de ascensão social a um maior número de indivíduos. Tudo depende da mentalidade dos educadoras brasileiros, agora progressivamente enriquecida pelo sistema de pós-graduação, implantado oficialmente a partir de 1965, e que já produziu alguns milhares de mestres e de doutores e cada vez mais procura alcançar os melhores níveis de excelência.

Confesso-me um dos mais entusiastas adeptos do plano brasileiro de pós-graduação, previsto na Lei de Diretrizes e Bases, definido o regulamentado pelo Conselho Federal de Educação através do conhecido Parecer nº 977/65, que teve como relator o ilustre Prof. Newton Sucupira, em atendimento ao Aviso Ministerial subscrito pelo Ministro da Educação e Cultura daquela época, Raymundo Moniz de Aragão, que formulou ao Conselho os três motivos que lhe pareciam fundamentais para a instituição do sistema de cursos de pós-graduação: '1. Formar professorado competente que possa atender à expansão quantitativa de nosso ensino superior garantindo, ao mesmo tempo, a elevação dos atuais níveis de qualidade; 2. Estimular o desenvolvimento da pesquisa científica por meio de preparação adequada de pesquisadores; 3. Assegurar o treinamento eficaz de técnicos e tabalhadores intelectuais, do mais alto padrão, para fazer face às necessidades do desenvolvimento nacional em todos os setores.'

Os últimos 25 anos proporcionaram-me três gratas experiências na área da pós-graduação: a primeira, no Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição que se antecipou ao próprio Parecer nº 977 do Conselho Federal de Educação, e já a partir de 1962 dava início a um Curso de Mestrado, no estilo que mais tarde foi denominado, por aquele egrégio Conselho, como *stricto sensu*, com a exigência de 30 créditos, 17 horas/aula para cada crédito, seguidos da apresentação e defesa de uma dissertação. Deste curso, com características pioneiras no Rio de Janeiro, resultaram não somente grande número de investigações científicas de grande valor, como também tiveram origem, no Instituto de Química, outras instituições, hoje de grande repercussão científica no país e no exterior, como a Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de Engenharia (COPPE) e o Instituto de Macromoléculas (IMA), ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A segunda, e muito grata experiência, foi no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde por 14 anos tive o privilégio de coordenar um curso de altos estudos brasileiros, destinado a professores do ensino superior. A terceira foi no IESAE, a partir de 1973, desde o seu primeiro credenciamento pelo Conselho Federal de Educação até o presente momento. Foi esta a minha maior experiência na área estrita da educação, e que, de um certo modo, complementou e completou minha experiência anterior. Foram 13 anos de traba-

lho ao lado do diretor, Prof. Raymundo Moniz de Aragão, e dos coordenadores gerais de ensino e de pesquisa, Profs. Newton Sucupira e Maria Julieta Costa Calazans, e, também, do elenco de professores notáveis e ilustres que compõem o seu corpo docente, todos sob a esclarecida e competente direção da Fundação Getulio Vargas, nas pessoas de seu eminente presidente, o Acadêmico Luiz Simões Lopes, e do seu respeitável superintendente-geral, Acadêmico Roberto Hermeto Corrêa da Costa.

Para ser breve, lhes direi apenas que o IESAE, nos 15 anos de sua existência, condicionado a um regime altamente seletivo, diplomou 218 mestres em educação, conferiu 753 diplomas nos cursos de especialização e aperfeiçoamento, desincumbiu-se de 101 convênios ou contratos, prestou assistência técnica e colaboração a 352 entidades nacionais ou internacionais, publicou a *Série Educação*, que já conta com cinco volumes, e a revista *Forum Educacional*, cuja regularidade vem sendo mantida desde 1977.

Com os presentes argumentos, complementados de importante e volumosa produção científica e cultural dos mestres e doutores formados de acordo com o que dispõe o Parecer nº 977 do Conselho Federal de Educação, acredito ter bem justificado o meu entusiasmo em reconhecer e proclamar o sistema brasileiro de pós-graduação como a mais séria e importante inovação de todas as reformas do ensino superior em todos os tempos.

E para encerrar este sincero agradecimento, desejo prestar uma comovida homenagem póstuma ao maior responsável pela minha presença na Academia Brasileira de Educação, o eminente professor, educador, humanista, médico, grande líder, o inesquecível presidente e imortal Acadêmico Benjamim Albagli."